

## ■ **O cobrador**, de Rubem Fonseca – uma leitura urbana

JOZEFH FERNANDO SOARES QUEIROZ

Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e Professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo realizar um diálogo entre a formação histórica dos espaços urbanos e o reflexo dessa construção na literatura, especificamente na obra **O Cobrador** (1999), do brasileiro Rubem Fonseca. Seu objetivo também é mostrar como os traços históricos da construção da cidade podem ser encontrados na literatura, além de mostrar como esta cidade pode funcionar como personagem atuante da obra literária.

**Palavras-chave:** Cidade. História. Personagem. Cultura

**Resumen:** Este trabajo tiene por objetivo realizar un diálogo entre la formación histórica de los espacios urbanos y el reflejo de esta construcción en la literatura, especificamente en la obra **O Cobrador** (1999), del brasileño Rubem Fonseca. Su objetivo también es mostrar cómo los rasgos históricos de la construcción de la ciudad pueden ser encontrados en la literatura, además de mostrar cómo esta ciudad puede funcionar como un personaje activo de la obra literaria.

**Palabras-clave:** Ciudad. Historia. Personaje. Cultura



## Introdução

Através das leituras de teóricos como André Bueno (1995), Renato Gomes (1994), Lewis Mumford (2004) e Carl Schorsk (1987), nas quais se vê a forma como as cidades foram erguidas no curso da História, é possível notar que o processo de construção desses espaços urbanos é um fenômeno que se reflete também na trama literária. No conto de Rubem Fonseca, além de ser possível notar o reflexo da construção do Rio de Janeiro, vê-se que a cidade não é pano de fundo da obra, mas um personagem ativo, sem o qual as ações da narrativa não seriam conduzidas da maneira como é vista no conto. Esse diálogo entre literatura e História poderá ser constatado no decorrer deste artigo.

## A cidade como personagem ativa na literatura

Na obra *O Cobrador* (1999), de Rubem Fonseca, pode-se constatar um entrelaçamento entre os fatos históricos que culminaram na formação da cidade do Rio de Janeiro com a trama da obra literária, além da possibilidade de se notarem aspectos da construção do modelo antigo de cidade refletidos no conto. Consciente desses fatos históricos, o leitor pode notar que na trama a capital carioca não é somente pano de fundo das ações que nela se desenrolam, mas um personagem vivo e atuante, uma vez que a metrópole não é formada somente de prédios, avenidas, praças e automóveis, mas também da participação ativa da comunidade sobre a sua edificação. Assim, o Rio de Janeiro encontrado na obra de Rubem Fonseca é o produto das ações de seus personagens dentro da cidade. Para isso, há de se considerar na trama que a cidade exerce a importante função de personagem, sem a qual as ações dos demais personagens, como o próprio Cobrador e as suas vítimas, não se desenrolariam. Com respeito a essa formação da cidade, Gomes (1994, p.23) afirma que

A cidade é como ambiente construído, como necessidade histórica, é resultado da imaginação e do trabalho coletivo do homem que desafia a natureza. Além de continente das experiências humanas, com as quais está em permanente tensão, 'a cidade é também um registro, uma escrita, materialização de sua própria história'.

Na obra de Rubem Fonseca, a figura do Cobrador que deseja se vingar daqueles que compõem a elite econômica da cidade do Rio de Janeiro representa a cobrança de uma dívida histórica na qual a partilha da cidade deu-se injustamente. O Cobrador não representa somente um assassino em série ou um delinquente, como é possível notar em suas ações; ele é também uma figura que tenta fazer justiça com suas próprias mãos ao cobrar esta dívida. O personagem não busca fazer parte da classe social na qual estão as suas vítimas, tampouco deseja obter as riquezas que elas possuem. Sua maior vontade é destruir as barreiras sociais existentes na sua cidade, e consequentemente passar a ser notado.

É nesse aspecto que a cidade funciona como um personagem ativo da trama. Não faria sentido, por exemplo, que a história do conto fosse ambientada num espaço urbano com menos desigualdade social. Num lugar assim, o Cobrador seria um simples assassino sem qualquer justificativa, a obra perderia parte de seu sentido. Em outras palavras, sabendo-se do processo violento de urbanização e divisão do Rio de Janeiro, as ações do protagonista ao buscar um certo tipo de vingança contra um inimigo não tão bem definido adquirem mais sentido. A própria cidade seria o inimigo maior do Cobrador, já que, na visão de Gomes (1994), ela é resultado das ações de seus habitantes dentro dela e possui características próprias.

### **O abandono da formação histórica da cidade**

Ainda que a desigualdade social esteja presente em todo o Brasil, o conto de Rubem Fonseca mostra que

o Rio de Janeiro apresenta diferenças abismais entre as diferentes classes econômicas da sociedade. A formação histórica da cidade antiga, na qual todos os seus cidadãos possuíam participação ativa em sua construção e havia uma rotatividade de tarefas, foi completamente abandonada com o passar dos anos. Dados sobre essa formação antiga podem ser encontrados na leitura de Mumford (2004, p. 179), quando ele menciona, por exemplo, que

Tudo aquilo que a cidade possuía, o cidadão considerava como seu direito de berço: entre os cidadãos, como entre amigos, não deveria haver segredos, nem barreiras profissionais, nem suposição de desigualdade. O cidadão livre nada devia ao favor do príncipe ou à função econômica ou oficial: retomava o lugar que outrora tivera na cultura de aldeia, o de ser, antes de tudo, um homem dotado de todas as dimensões humanas, para quem todas as portas da vida eram abertas e acessíveis.

Mesmo que seja uma pessoa de pouca escolaridade, o Cobrador parece ser mais consciente desse abandono da tradicional formação da cidade que os demais personagens da trama. Ele considera que muitas pessoas lhe devem algo, aquelas que fazem parte da elite econômica da sociedade carioca e mantêm-se distanciadadas dos estratos sociais mais baixos, como se nota no seguinte trecho do conto de Rubem Fonseca (1999, p. 13-14):

Odeio dentistas, comerciantes, advogados, industriais, funcionários, médicos, executivos, essa canalha inteira. Todos eles estão me devendo muito. [...] A rua cheia de gente. Digo, dentro da minha cabeça, e às vezes para fora, está todo mundo me devendo! [...] Um cego pede esmolas sacudindo uma cuia de alumínio com moedas. Dou um pontapé na cuia dele, o barulhinho das moedas me irrita.

A figura do protagonista é aquela que busca então um reconhecimento social, e não material. Ele não rouba as pessoas, não se preocupa em obter seus bens materiais, mas sim em ser notado e em humilhar as pessoas dessa elite econômica a qual ele rechaça. No trecho anterior, ele declara seu ódio incondicional às pessoas que porventura pertencem aos estratos econômicos mais elevados. Logo em seguida, ao atacar o cego, tem-se um reconhecimento dessa postura do Cobrador; ele não aceita que o cego se rebaixe ao pedir esmolas e isso o revolta, uma vez que a atitude do cego não altera as estruturas da sociedade, pois se trata de uma relação de eterna dependência.

Ainda sobre essa formação histórica da cidade e a partilha de tarefas, Mumford (2004, p. 141) menciona também que

Quando se desenvolvia a cidade, os hábitos democráticos da aldeia muitas vezes eram introduzidos naquelas atividades até então especializadas, com uma rotação constante de funções humanas e deveres cívicos e com uma participação plena, da parte de cada cidadão, em todos os aspectos da vida comum.

Nota-se que, no atual modelo econômico, essa partilha e rotatividade de trabalhos a serem realizados não são encontradas. As diferenças existentes entre as classes sociais mais contrastantes crescem cada vez mais. Além disso, não existe uma perspectiva de retorno ao modelo antigo de formação da cidade. O Cobrador tampouco deseja uma ascensão social, mas sim vingar-se dessa partilha injusta que culminou no Rio de Janeiro dos dias atuais. Ainda que muito inconscientemente, ele é a figura que resgata a memória da injusta urbanização da capital carioca, na qual os cidadãos são divididos em classes sociais com diferenças abismais.

## **O cidadão dentro e fora de sua própria cidade**

Não se sabe exatamente o que o Cobrador busca como objetivo final e de quem ele deveria cobrar algo diretamente, uma vez que não há trecho do conto no qual o personagem mencione seu inimigo preciso ou o que espera que lhe paguem. Por tratar da temática da violência urbana e mostrar pessoas de classes sociais opostas, pressupõe-se que a cobrança do protagonista seja de uma dignidade, de respeito, ou mesmo de atenção. Se pensarmos na cidade como personagem na trama, uma vez que ela é o produto das ações e da cultura dos seus habitantes, é possível imaginá-la como o maior rival do Cobrador, um inimigo sem rosto, mas presente em toda a trama.

A cidade passa a ser provável inimiga do Cobrador, uma vez que, para poder ser erguida, foi preciso separar os cidadãos em diferentes estratos sociais. O crescimento ou fortalecimento da cidade ocorre com o sacrifício de uma parcela da sua população, marginalizando-a e condenando-a a uma eterna exclusão, razão esta suficiente para que ela se torne inimiga do protagonista do conto, um cidadão isolado daquela parcela economicamente privilegiada da sociedade. Com respeito a essa segregação decorrente da expansão dos espaços urbanos, Gomes (1994, p.29) reforça que

O traço fundamental do homem urbano se define em termos de um eu fragmentado. No curso de sua vida, ele se torna uma espécie de estrangeiro, que não se adapta à moldura familiar de identidade, à aparente fixidez social, mas passa necessariamente por uma experiência não linear, não sequencial.

De acordo com a citação, a formação dos espaços urbanos implica uma inevitável segregação da sua população. Entretanto, ainda que existam diferentes tipos de classes econômicas na mesma cidade, existe um padrão de vida mais valorizado, mais prestigiado, mais atendido;

um grupo que forma a elite, cuja cultura e costumes possuem certo privilégio, que esmaga os direitos das demais classes. O cidadão que não faz parte desse grupo tende a cair no esquecimento e é isolado no seu próprio espaço urbano, como o próprio Cobrador percebe em alguns momentos da trama:

Ando lentamente, de um lado para outro da calçada, não quero despertar suspeitas e o faço por dentro da calça, amarrado na perna, não me deixa andar direito. Pareço um aleijado, me sinto um aleijado. Um casal de meia-idade passa por mim e me olha com pena; eu também sinto pena de mim, manco e sinto dor na perna.

[...]

Cheguei perto deles na hora em que o homem abria a porta do carro. Eu vinha mancando e ele apenas me deu um olhar de avaliação rápido e viu um aleijado inofensivo de baixo preço.

(FONSECA, 1999, p. 19-20)

No trecho anterior, vê-se que na formação segregada da capital carioca, na qual os cidadãos de diferentes classes econômicas tornam-se praticamente incomunicáveis, tem-se o ponto de partida para a execução das vinganças do Cobrador, tendo sua fúria cada vez mais alimentada. O protagonista não aceita que ele seja o excluído nesta sociedade de frivolidades e aparências, e menos ainda que a cidade pertença a essas pessoas. Outra passagem que representa o ódio do Cobrador sendo alimentado pelas injustiças sociais é aquela em que uma garota lhe pede que recite um poema, cujos versos do personagem são:

Os ricos gostam de dormir tarde/apenas porque sabem que a corja/tem que dormir cedo para trabalhar de manhã/Essa é mais uma chance que eles/têm de ser diferentes:/parasitar,/desprezar os que suam para ganhar a comida,/dormir até tarde,/tarde/um dia/ainda bem,/demais./

(FONSECA, 1999, p. 17)

Entretanto, como se nota na leitura integral do texto, o Cobrador odeia as pessoas que pertencem às classes econômicas mais altas, mas, ao mesmo tempo, ele não possui um inimigo sólido, fazendo com que seus assassinatos pareçam apenas fruto de uma perturbação mental. Porém, é possível perceber que existe um inimigo maior para o Cobrador, aquele que o condenou a permanecer na classe social mais baixa e sem possibilidade de ascensão. Este inimigo seria a própria cidade do Rio de Janeiro, e não seus habitantes. Outro fator que reforça este argumento é que, como já notado em momentos anteriores, ele busca prioritariamente um reconhecimento, um simples olhar atento, em vez de uma ascensão às classes que ele ataca, uma vez que sua passagem para uma classe melhor não mudaria o sistema, razão do seu ódio.

Compartilha com esse pensamento o teórico Schorsk (1987, p. 4), ao mencionar que o verdadeiro capital da cidade é aquele que pode ser visto na sua superfície, como suas construções e as suas vias. O capital monetário, o dinheiro em si, ainda que traga status para aqueles que o obtêm, não acrescenta valor algum à cidade, uma vez que ele pode ser transferido de um lugar a outro, sem deixar vestígios. Esta afirmação nota-se no seguinte trecho:

Smith considerava o capital monetário como fundamentalmente instável, na perspectiva de qualquer sociedade, de pouca confiança. 'Qualquer desgosto menor', escreveu, 'fará com que (o mercador ou industriário) retirem seu capital e da indústria que ele nutre, de um país para levar a outro. Nenhuma porção desse capital pode ser considerada própria de um país até que ela seja expandida sobre a sua superfície, seja sob a forma de edifícios ou de melhoras permanentes introduzidas na terra'. O capitalismo urbano aparece assim como um nômade pouco patriótico.<sup>1</sup>

Seria esta outra razão para que o ódio do Cobrador seja alimentado pelas injustiças sociais: as

<sup>1</sup> Tradução de minha autoria.

classes dominantes, ao mesmo tempo em que ditam as regras da sociedade e excluem uma grande parcela de seu povo da possibilidade de partilhar da cidadania, são aquelas que fisicamente e culturalmente muitas vezes não contribuem minimamente para a formação da cidade. Sua contribuição sólida para a formação do espaço urbano é praticamente inexistente, uma vez que o dinheiro somente lhes serve para mantê-las em sua posição superior e sustentar seus luxos. Isso é razão suficiente para que o protagonista cobre da sociedade o respeito e a dignidade que lhe tomaram, posto que ele possui as mesmas condições que os demais habitantes do Rio de Janeiro de ser cidadão. No entanto, sua condição precária de vida lhe relega este direito, excluindo as possibilidades de usufruir desta cidadania.

Outra forma de exclusão das classes mais populares executada pelas elites é uma tentativa de “maquiagem” das sociedades, algo que se vê constantemente na mídia. Em outras palavras, tenta-se constantemente minimizar os grandes abismos sociais, aproximando de maneira ilusória as diferentes classes econômicas, por exemplo, quando se mostra na mídia qualquer cidade como uma cidade única, na qual todos possuem as mesmas oportunidades, as mesmas condições de vida, um lugar no qual todos os seus recursos estão disponíveis para toda a população, como exemplifica Bueno (1995, p. 106) no seguinte trecho:

Chega-se então à chamada ‘cultura da imagem’, ou ‘cultura do simulacro’. Definição curiosa para tratar da cultura da mercadoria, das imagens da mercadoria, da visão de mundo ligada à troca, ao consumo, à posse de objetos. Uma só visão de mundo, no interior de um só e mesmo sistema, total e estruturado, hegemônico e sempre tendente a homogeneizar as diferenças, as divergências, as possíveis outras imagens e percepções da realidade. Ou, caso queiram, curiosa definição para telenovelas, telejornais, seriados vulgares, esportes, e programas de auditório.

Como busca das suas vítimas o reconhecimento da sua própria condição de habitante da cidade, o Cobrador é uma das pessoas mais conscientes desse papel homogeneizador que a mídia exerce, pois, uma vez que se trata uma pequena parcela da sociedade como um todo, são excluídas todas as possibilidades de atenção às pessoas que não se encontram naquela condição financeira retratada na televisão como “padrão”. Assim, o protagonista usa a televisão como mais uma fonte para alimentar seu ódio, pois a mídia também se apresenta como um veículo elitista, uma ferramenta mais para aumentar o abismo entre os diferentes estratos sociais, como se vê nos seguintes trechos do conto:

Fico na frente da televisão para aumentar meu ódio. Quando minha cólera está diminuindo e eu perco a vontade de cobrar o que me devem eu sento na frente da televisão e em pouco tempo meu ódio volta.

[...]

Leio os jornais para saber o que eles estão comendo, bebendo e fazendo. Quero viver muito para ter tempo de matar todos eles.

(FONSECA, 1999, p. 16-18)

Mesmo sendo parte de uma das mais baixas classes sociais, o Cobrador, mais que qualquer elite, aparenta conhecer o injusto processo de urbanização da cidade e das ferramentas que o sistema utiliza para perpetuar as atuais estruturas econômicas e sociais. Ao mesmo tempo em que esses mecanismos são utilizados para separar a sociedade, o Cobrador toma-as para si para alimentar seu ódio e seguir com seus propósitos de vingança.

### **Reflexos da urbanização do Rio de Janeiro**

Com relação ao processo de construção da cidade do Rio de Janeiro, é possível notar na trama de *O Cobrador* resquícios do processo de urbanização da capital carioca. O protagonista tem plena consciência das discrepâncias

existentes entre as classes sociais da cidade e isso é a razão primordial de sua vingança. Entretanto, como é possível detectar na leitura da obra, como nos trechos anteriormente comentados, o protagonista do conto é mais um anti-herói que um rebelado sem causa, uma vez que ele não deseja fazer parte da mesma classe social de suas vítimas, mas sim descontar nelas as injustiças sofridas ao longo de sua vida. O Cobrador não busca ser parte dessa elite, pelo contrário, ele a detesta, e não se conforma em estar numa posição inferior a ela. Em um de seus textos, Bueno (1995, p. 105) comenta a dificuldade de reverter esse processo, ao afirmar que é

Difícil imaginar, para formações urbanas em grande escala, alguma utopia de 'volta ao campo', algum tipo de 'retorno à natureza', à maneira de certos pensadores europeus do século XIX. Cabe lembrar que não houve um passado 'comunitário' e 'orgânico' no Brasil, para o qual se desejasse voltar, mas a própria sociedade colonial e escravagista, com todas as consequências. Seria o sonho de voltar a uma época que foi ainda mais violenta e que apresente encruzilhada da modernização.

Pela leitura do trecho, nota-se que historicamente o processo de urbanização das grandes cidades no Brasil ocorreu de forma violenta, impossibilitando-nos de pensar em tempos mais justos, nos quais possamos espelhar-nos para realizar uma mudança significativa. O Cobrador passa pela mesma dificuldade, tornando sua vingança cada vez mais longa e cansativa: não há como imaginar o formato de uma sociedade justa e igualitária, uma vez que essa sociedade nunca existiu no Brasil. No entanto, para amenizar sua revolta com o modelo de cidade existente, ele ataca as pessoas individualmente, numa tentativa de descontar nos habitantes aquilo que a cidade lhe negou no curso de sua vida. O inimigo real do Cobrador é a cidade, e não suas vítimas, os cidadãos ricos. O protagonista confunde o seu real inimigo, a cidade – que, dada a sua formação violenta e injusta, jamais poderia

lhe proporcionar uma condição de vida melhor – com os habitantes que, nesta mesma cidade, vivem bem e podem desfrutar de uma existência digna. Ele mesmo afirma serem esses alguns de seus inimigos, no trecho a seguir:

Top Executive Club. Você merece o melhor relax, feito de carinho e compreensão. Nossas massagistas são completas. Elegância e discrição.

[...]

Anoto o endereço e vou para o local, uma casa, em Ipanema. Espero ele surgir, fantasiado de roupa cinza, colete, pasta preta, sapatos engraxados, cabelos rinsados.

[...]

Ele tem o ar petulante e ao mesmo tempo ordinário do ambicioso ascendente egresso do interior, deslumbrado de coluna social, comprista, eleitor da Arena, católico, cursilista, patriota, mordomista e bocalivrista, os filhos estudando na PUC, a mulher transando decoração de interiores e sócia de butique.

(FONSECA, 1999, p. 24-25)

Nota-se que é difícil para o protagonista solucionar o problema contra o qual ele luta, pois seu rival maior e inatingível é a cidade, porém, ele ataca a representação dela, seus habitantes.

Com respeito a essa rachadura entre as diferentes camadas sociais e as discrepâncias existentes no processo de urbanização da cidade, Abreu (1987, p.57-58) menciona ainda que:

A preservação da zona sul para as classes de renda mais alta seria violentada com o aparecimento, no século XX, das favelas. Essas, entretanto, só permaneceram aí enquanto proporcionaram mais benefícios do que custos, tanto ao capital quanto ao Estado. Quando, a partir de 1960, a relação custo-benefício se inverteu, a maioria delas foi sumariamente erradicada; e seus moradores removidos para as áreas suburbanas.

As duas citações com respeito à urbanização do Rio de Janeiro comprovam que esse processo histórico refletiu-se de maneira verossímil no conto de Rubem Fonseca, e o seu protagonista é consciente de um processo histórico que nem mesmo as camadas mais favorecidas economicamente se dão conta. No entanto, antes de se vingando dos cidadãos comuns que fazem parte dessa elite, o Cobrador passa a se conscientizar do poder que a cidade possui para manter essas estruturas. Tal transformação constata-se no final do conto, onde ele passa a reconhecer que o seu inimigo é muito maior, graças à sua parceira Ana. Ainda que não saiba defini-lo muito bem, o Cobrador percebe que seu inimigo é mais que uma pessoa física, ao mencionar:

Tenho uma missão e não sabia. Agora sei. Ana me ajudou a ver. Sei que se todo fodido fizesse como eu o mundo seria melhor e mais justo. [...] Matar um por um é coisa mística e disso eu me libertei. No baile de natal mataremos convencionalmente os que pudermos. Será o meu último gesto romântico insequente. Escolhemos para iniciar a nova fase os compristas nojentos de um supermercado da zona sul.

[...]

Nada de sair matando a esmo, sem objetivo definido. Eu não sabia o que queria, não buscava um resultado prático, meu ódio estava sendo desperdiçado. Eu estava certo nos meus impulsos, meu erro era não saber quem era o inimigo e por que era inimigo. Agora eu sei. Ana me ensinou. É o meu exemplo deve ser seguido por outros, muitos outros, só assim mudaremos o mundo. É a síntese do nosso manifesto.

(FONSECA, 1999, p. 28-29)

Praticamente no desfecho do conto, o protagonista passa a enxergar mais claramente as condições de seu entorno, reconhecendo a grandeza de sua inimiga, a metrópole. Mesmo que não saiba definir muito bem seu inimigo, reconhece que ele não precisa necessariamente ser visto, posto que seu rival é toda aquela estrutura que

mantém as injustiças sociais que ele vivencia. A cidade é praticamente reconhecida como um personagem vivo da trama, que executa as ações responsáveis pela manutenção de todo o sistema existente na obra.

### **Considerações finais**

Por meio da leitura de alguns trechos do conto entrelaçados a uma leitura histórica da formação dos espaços urbanos, foi possível notar como a cidade pode funcionar na literatura com um papel vivo e atuante, modificando o pensamento de seus cidadãos e influenciando em muitas de suas ações. Vê-se que a cidade não é necessariamente um lugar formado por meros edifícios, parques e automóveis, mas também um objeto pulsante que interage com seus cidadãos, no momento em que o pensamento e o comportamento destes formam suas próprias características, constituindo a identidade do espaço urbano.

O conto de Rubem Fonseca mostra que, muito mais que a fábula de um jovem marginal que mata friamente, *O Cobrador* é um exemplo de como a cidade pode ser personagem na literatura, transformando o elenco e o cenário da trama num só organismo ativo.

## Referências

ABREU, Maurício de. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar, 1987.

BUENO, André. *Cidades Brasileiras Modernas: velocidade e violência*. Rio de Janeiro: Terceira Margem, 1995.

FONSECA, Rubem. O cobrador. In: \_\_\_\_\_. *O cobrador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GOMES, Renato. *Todas as Cidades, a Cidade* – Literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MUMFORD, Lewis. *A Cidade na História*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SCHORSK, Carl. *La idea de Ciudad en el Pensamiento Europeo* – de Voltaire a Spengler. Buenos Aires: Separata, 1987.